

Em busca da voz própria



A advogada Luciana Gerbovic participa de cursos e de oficinas de escrita há dez anos e atualmente frequenta as aulas do espaço cultural Escrevedeira, na Vila Beatriz, em São Paulo

Luciana Gerbovic viu o anúncio numa livraria: "Oficina de escrita criativa". Na primeira que fez, descobriu que nada tinha a ver com redação - de que fora ótima aluna na época de escola. Advogada com escritório próprio, casada e mãe de dois filhos pequenos, encontrou tempo para estabelecer uma rotina de frequência e exercícios que completou já dez anos. Numa jornada em que, como recorda, "desconstruiu para construir de novo", matriculou-se em várias, uma após outra - hoje é um dos alunos que participam da Escrevedeira, espaço cultural recém-aberto na Vila Beatriz, em São Paulo.

Como leitora, aprendeu a se interessar por saber "como a história é contada". Como autora, tenta fugir daquilo que "vem fácil na hora da escrita". Com esforço soma minutos de leitura e escrita ao longo do dia. "Às vezes almoço sozinha para poder ler. Se puder optar entre carro e metrô, escolho metrô para ler no caminho. Leio depois que meus filhos dormem e chego a invadir a madrugada. Se não sai nenhum texto num dia, pelo menos sei que entrou matéria para essa produção. Escrevo muito mentalmente também, o dia todo, então muita coisa sai no papel pronta para depois lapidar, a parte mais trabalhosa." Seus contos começaram a ser publicados em antologias e receberam prêmio em concurso. "Não preciso mais de aulas, mas ainda as frequento pelas pessoas que encontro e o estímulo que me dão."

Aquele primeiro anúncio visto na livraria não foi incidental. Em dez anos, as

oficinas e cursos para formar escritores tornaram-se mais comuns, com formatos inventivos e tempos de duração flexíveis, oferecidos tanto por instituições já estabelecidas quanto por escritores de modo independente.

Oficinas têm esse nome porque necessariamente incluem a parte prática. Chamam-se cursos quando são expositivos. Entre os alunos, encontram-se não apenas jovens ainda em formação, mas também profissionais com carreiras sólidas em áreas que vão da psicologia à medicina, dispostos a investir numa vocação que até então guardavam sem aproveitar muito.

"O perfil é variadíssimo", conta a fundadora da Escrevedeira, a escritora e crítica Noemi Jaffe, tendo ao lado o poeta João Bandeira e o escritor e músico Cadão Volpato numa programação que inclui também círculos de leituras e lançamentos de livros. "Há desde aqueles que só desejam conhecer recursos e praticar, ter mais critérios de leitura e estudar literatura, até aqueles que desejam se profissionalizar e se tornar escritores."

Com experiência de décadas como professora, Noemi observa dois desafios para quem começa. "É muito difícil aceitar que as coisas demoram bastante tempo e que é preciso refazer", diz. "Depois, encontrar uma linguagem própria. A tendência é reproduzir modelos existentes e até a pessoa descobrir quais são as suas características, é preciso muita humildade e perseverança."



O escritor e músico Cadão Volpato ministra aulas no espaço Escrevedeira, em São Paulo, ao lado da escritora e crítica Noemi Jaffe e do poeta João Bandeira

A distância física não é impedimento para a frequência nas aulas. Estabelecido também em São Paulo, o escritor Tiago Novaes desenvolveu um intensivo

programa que pode ser assistido pela internet. "Uma das riquezas dessa experiência é a diversidade de formações e origens dos alunos." Na turma atual, há quem resida em cidades como Manaus e Uruguaiana, ou em países como Alemanha, Espanha e Portugal. "E são muitos os projetos que nascem daí: um romance de ficção científica, um blog de crônicas sobre pornografia feminista, a biografia de um artista plástico contemporâneo e por aí vai", afirma. "Há quem queira resgatar o velho hábito das missivas, do diário, da reflexão pessoal, ou que tenha acabado de retornar de uma longa viagem e pretenda organizar suas ideias e experiência numa composição verbal." Entre os alunos que passaram por suas oficinas, alguns ganharam bolsas de criação e concluíram livros.

Um iniciante, ao se matricular, pode pensar por vezes que encontrará uma receita - sairá convicto de que não deve ser buscada. "Há aqueles que acham que vão encontrar uma fórmula mágica para facilitar o trabalho", nota a escritora Socorro Acioli, à frente de oficinas desde 2013, atualmente no Espaço O Povo, do jornal de mesmo nome, em Fortaleza. "Repito o tempo inteiro que escrever não é fácil e exige muita dedicação, e insisto na ideia de um projeto literário pessoal." Em três anos, viu pouca gente desistir. "É delicioso passar horas ouvindo falar de filmes e livros. Mesmo que não saia projeto, o aluno será certamente um leitor melhor." Houve quem, depois das oficinas, também publicou, filmou e obteve prêmios.

Uma nova geração de escritores brasileiros tem sua formação ligada a oficinas. No caso de Socorro, sua estreia se deu depois ser aluna do colombiano Gabriel García Márquez, num concorrido curso em Cuba. "Naquele ano eu larguei meu último emprego de carteira assinada e decidi tentar ser escritora profissional. Para mim, o caminho lógico da profissionalização era a formação". À época, já tinha mestrado e doutorado em letras. Como admite, foi só a partir daquela oficina que conseguiu "se sentir preparada".

Depois ela integrou turmas do professor americano Robert McKee e do roteirista mexicano Guillermo Arriaga. Por conta própria, estudou autores que vão de Roland Barthes a Vladimir Propp e James Wood, além de ter consumido "muitos livros americanos ótimos e péssimos". Dessa experiência, lança ainda neste ano pela Seguinte, selo jovem da Companhia das Letras, "A História que Só Você Pode Contar". Vai contribuir para ampliar uma bibliografia no assunto que, no Brasil, ainda é escassa.

A formação de escritores estruturada por meio de oficinas ou de programas longos dentro de universidades se consolidou nos EUA no século XX. Cursos e oficinas desse tipo são disseminados em países como França, Espanha, Argentina e México.

Por aqui, houve -de certo modo, ainda há- certo estranhamento, relatam pioneiros como Suzana Vargas, há duas décadas à frente da Estação das Letras, no Rio. "Quando começamos, fomos recebidos com algumas reservas", recorda. "Havia a desconfiança de que escrever não se ensina." Conta que estava "tão bem acompanhada por tantos grandes mestres", escritores que convidou para ministrar as aulas, que logo assumiram lugar distinto na cena literária carioca. O número de alunos desde então triplicou.



Suzana Vargas, que fundou há duas décadas a Estação das Letras, no Rio de Janeiro, é uma das pioneiras nos cursos e oficinas de escrita para formação de escritores no Brasil

Outro pioneiro, o escritor Assis Brasil, no comando do núcleo de escrita criativa mantido desde 1985 na PUC, em Porto Alegre, diz que uma ideia recorrente é atribuir às oficinas uma espécie de uniformização dos textos dos estudantes. As antologias com a produção de seus alunos, como explica, mostram o contrário. "Quem tiver o cuidado de lê-las sem prevenção verá que ali estão presentes todas as temáticas e todas as opções técnicas imagináveis."

Constantemente Assis Brasil é lembrado de que Flaubert não precisou passar por uma. Responde com humor: "Nem Dante, nem Cervantes". Como argumenta, nessa lista extensa cabem todos os que submetiam seus escritos a colegas de ofício cuja opinião os fazia reescrever. Balzac, Tchekhov, Borges e Bioy Casares são alguns dos que não se fizeram sozinhos. "Essas trocas de juízos e de

conselhos são conhecidas de todos. Qualquer escritor com carreira antiga recebe originais para fazer um parecer. Às vezes até ocorre um encontro pessoal. Ora, tudo isso é atividade típica de uma oficina: a diferença é que esta não possui o método das outras, as regulares", explica. "Sempre houve oficinas, e eu diria mais: são tão antigas quanto a própria literatura."

Em três décadas, constatou uma mudança de perfil dos alunos. Agora os que frequentam suas classes, cada vez mais jovens, na casa dos 20 anos, estão ali porque querem ser escritores profissionais. Antes era procurado por gente entre 30 e 40 anos,, interessada em não muito mais que aprimorar o texto. "Os alunos de hoje rechaçam o amadorismo e são pessoas que se dispõem a abandonar emprego, relações familiares -tudo- e muitos inclusive se deslocam de outros Estados e enfrentam o duro inverno gaúcho para se qualificarem", diz. A busca de profissionalismo se refletiu na criação do mestrado e do doutorado em escrita criativa, com apoios da Capes e do CNPq, que concedem bolsas de estudo.

Egressa das oficinas de Brasil, Luisa Geisler era uma de suas alunas quando, aos 19 anos, ficou sabendo que seriam abertas as inscrições do Prêmio Sesc de Literatura para estreantes. Venceu dois anos consecutivos, primeiro na categoria de contos (2010), depois, na de romance (2011). "Muitos dos textos foram versões melhoradas de coisas que surgiram a partir de feedback de colegas." Depois participou de residências literárias no exterior; neste mês, inicia, aos 25 anos, com o terceiro livro publicado, um mestrado em processo criativo com ênfase em escrita criativa na UCC, University College Cork e na University College Dublin, na Irlanda. "Não acho que um escritor sempre precise de um mestrado. Precisa escrever com olhar crítico."

Em São Paulo, o Instituto Vera Cruz estreou em 2011 uma pós-graduação chamada Formação de Escritores. Os estudantes entram por uma de duas portas: ficção ou não ficção Após concluir um desses núcleos num prazo de dois anos, poderão completar sua formação em outros núcleos, o que vai durar outro ano: poesia, professor de criação literária, literatura para crianças e jovens, tradução e roteiro. "A experiência norte-americana foi muito importante, pois se trata de uma experiência pedagógica notável", diz Márcia Fortunato, coordenadora, "mas não seguimos modelos, adaptamos essas experiências à nossa realidade, levando em conta a formação dos alunos brasileiros e as

experiências escolares que viveram. A modalidade de curso que criamos tem pontos de semelhança com os norte-americanos, mas também muitas diferenças."

A formação em não ficção ainda é uma novidade. As oficinas e cursos existentes no país costumam ficar mais restritas aos gêneros ficcionais. O núcleo de não ficção abriga aqueles que pretendem elaborar memórias pessoais ou de grupos, biografias, relatos e pesquisas históricas, ensaios pessoais, crítica de arte ou perfis. Outro coordenador na pós do Instituto Vera Cruz, o escritor Roberto Taddei lembra que, por aqui, "parece haver ainda uma contaminação da ideia da não ficção como uma produção essencialmente jornalística, como se o trabalho de escrever sobre fatos verídicos fosse de responsabilidade de repórteres e editores".

Como insiste Taddei, é preciso reforçar essa distinção entre jornalismo e não ficção, ou não ficção literária. "A não ficção literária aproveita técnicas jornalísticas de apuração de dados, de entrevistas, relacionamento com fontes, entre outras, mas também se preocupa com questões naturais da etnografia, com a manutenção da posição do autor como articulador do discurso e com os recursos empregados na narrativa ficcional. Muito desses elementos ultrapassam o universo jornalístico e não encontram espaço nos jornais e revistas que temos em circulação no Brasil hoje".